

Covid-19 atingiu 44 mil profissionais de saúde

Foto-Romildo de Jesus

CLEUSA DUARTE
REPÓRTER

Mais de 44 mil profissionais de saúde da Bahia foram confirmados com a Covid-19, desde o começo da pandemia até agora. Insegurança, incerteza e medo da morte são algumas das angústias sofridas por quem teve que passar pelas privações da doença. A Tribuna da Bahia ouviu o relato de quem atua na linha de frente e conta como é difícil retomar a vida normal após o transtorno do isolamento.

A médica socorrista Luana Franco Bordon, 31 anos, teve a Covid no fim do ano passado. Ela ficou em isolamento na própria casa, sem poder ver o filho de 1 ano e 11 meses por 21 dias, "uma angústia, porque a gente sabe que a doença começa a ter efeitos mais severos a partir do sexto dia. Eu fiquei sozinha aguardando o tempo passar. Foram 14 dias de pura emoção, incerteza, medo de morrer. Eu pensava no meu filho na minha família. Quando a gente é leigo não tem noção, mas eu sabia as consequências que poderiam ocorrer", diz Luana.

No princípio Luana sentiu dor e febre, no segundo dia foi ao hospital e fez a tomografia que demonstrou o comprometimento dos pulmões, "saí de lá medicada com antibiótico e fui para o isolamento. Afastei o filho e cumpri o tratamento a risca, afinal sou médica, cuidei de



DOENÇA

Além das sequelas físicas, os danos da Covid-19 são também psicológicos e podem ser irreversíveis

mim. Só pude ver meu filho 21 dias após ter tido a certeza que estava livre do coronavírus. No início da pandemia, eu cheguei a ficar afastada dele por 30 dias, pois estava com apenas 1 ano. Tive muito medo de passar a doença".

A enfermeira Mâbia Neves, 26 anos teve a Covid em abril do ano passado e chegou a ficar internada por sete

dias, "trabalhava na linha de frente e quando senti os sintomas fui para a UPA do Cabula. De lá me regularam para o Hospital Ernesto Simões. Tive comprometimento de 50% dos meus pulmões e fiquei na oxigenação. Tive que curar a pneumonia".

Ela conta que o marido tem comorbidades e teve que fazer tudo sozinho, "a gente não quer passar para a família. Tem a doença e quer proteger quem ama. Senti pânico sabia que se algo acontecesse, eu ficaria ali sem me despedir de ninguém. Fiquei com sequelas respiratórias eu estou com a respiração ofegante até agora e faço acompanhamento psicológico para superar o trauma".

Uma das piores sensações que teve ao receber alta

foi ver que vizinhos comemoravam, faziam festas, cantavam parabéns, "eu pensava, mas o que essa gente tanto comemora? Os hospitais estão cheios de doentes e de pessoas morrendo. Para que comemorar? Pensava!".

De acordo com a assessora de Comunicação da Secretaria de Saúde da Bahia (Sesab), na Bahia, desde o início da pandemia

44.336 profissionais da saúde foram confirmados para Covid-19. Mas não têm computado o número de óbitos. Os dados são ontem (15).

De acordo com Fabiano de Abreu, doutor em neurociência e psicologia, membro da Federação Europeia de Neurociência, e da Sociedade Brasileira e Portuguesa de Neurociência, além de mestre em Psicanálise pelo Instituto Gaio da Unesco, especialista em propriedades elétricas dos neurônios em Harvard e voluntário do Exército Português para assuntos de coronavírus, a doença não deixa somente danos físicos, mas traumas psicológicos. Os danos que o coronavírus podem causar estão ainda em fase incipiente de estudo, uma vez que é uma doença relativamente nova mas, a cada dia, crescem os casos de relatos de pessoas que, mesmo após superarem, referem sequelas, "pacientes com Covid-19, mesmo recuperados, ainda sofrem com a mudança no paladar e olfato, que pode ser irreversível. Isso está relacionado à lesão causada, principalmente, nos neurônios sensoriais, primários".

Segundo levantamento feito pela Universidade de Medicina de Washington, nos Estados Unidos, três em cada dez infectados pela Covid-19 apresentaram sequelas da doença por nove meses após a recuperação. A pesquisa mostrou que o mesmo aconteceu com pacientes que apresentaram sintomas leves e moderados da doença.

52 estabelecimentos foram interditados no fim de semana

ANILSON SALOMÃO
REPÓRTER

De acordo com dados da Secretaria Municipal de Desenvolvimento e Urbanismo (Sedur), entre 18 março de 2020 até 14 de março deste ano, foram realizadas 363.555 ações de fiscalização em Salvador para conter o avanço da Covid-19.

Dessas ações, foram feitas 354.383 vistorias, 8.390 interdições, 99 cassações de alvarás além de 683 aglomerações dispersadas em toda a cidade. Em relação aos estabelecimentos que foram reincidentes, a Sedur informou por meio de sua assessoria, que não há número de casos reincidentes, e que a pasta não faz aplicação de multa.

Só no último fim de semana, o órgão realizou na capital baiana 52 interdições de estabelecimentos, dispersou 29 aglomerações e apreendeu um equipamento sonoro. Ao todo, Os agentes da Secretaria Municipal de Desenvolvimento e Urbanismo (Sedur) realizaram 3.636 vistorias em 67 bairros.

Entre as localidades que receberam a operação de fiscalização do comércio, estiveram os bairros do IAPI, Pau Miúdo e Santa Mônica. As escolhas dos locais foram feitas por causa de denúncias e levantamentos dos dados de transmissão de cada bairro.

Em um dos casos, uma loja de material de construção funcionava na modalidade take out, atendendo apenas do balcão para a rua. Por não respeitar a determinação de agendamento prévio para a retirada, o estabelecimento acabou gerando aglomerações na porta.

Segundo a Sedur, desde o dia 19 de fevereiro, quando começou o toque de recolher e, em seguida, as medidas restritivas, foram realizadas 25.404 vistorias, com 348 interdições, 98 aglomerações dispersadas e 14 apreensões de equipamentos.

Bahia é o estado que mais habilitou motoristas com problemas visuais

CLEUSA DUARTE
REPÓRTER

O número de Carteiras Nacionais de Habilitação (CNHs) emitidas no Nordeste com indicações de condutores que possuem algum tipo de restrição visual, como por exemplo, a exigência do uso de óculos ou lentes de contato, aumentou 47%, entre 2014 e 2020. Em números absolutos, a Bahia é o estado que habilitou o maior contingente de motoristas com problemas visuais, foram mais de 851 mil pessoas.

Os dados são do Conselho Brasileiro de Oftalmologia (CBO), por meio do levantamento inédito realizado pelos oftalmologistas com base em dados oficiais do Departamento Nacional de Trânsito (Denatran). Atualmente, o grupo com algum tipo de restrição de visão descrita na CNH representa quase um terço da população habilitada na região nordeste, são 3,4 de motoristas e motociclistas.

"O condutor precisa ter o hábito de passar por consultas regulares com o médico oftalmologista, mesmo após ter conquistado sua CNH. Distorções podem surgir ao longo desse período e, se não forem diagnosticadas e tratadas, podem inserir um elemento de risco no trânsito", alerta José Beniz Neto, presidente do CBO.

A empresária Rosi Andrade destaca: "eu tenho um astigmatismo forte e também com a idade apareceu a catarata. Mas de seis em seis meses faço os exames recomendados. Uso óculos e não largo eles, consta na minha carteira a obrigatoriedade".

O empresário Renan Rocha trabalha com o

carro visitando clientes e faz suas consultas uma vez ao ano, "já tenho mais de 60 e apareceu catarata. Não me habituei com lente de contato. Na carteira consta a obrigatoriedade do uso de óculos, não abro mão".

Em números absolutos, a Bahia é o estado que habilitou o maior contingente de motoristas com problemas visuais, com mais de 851 mil pessoas. Em segundo e terceiro lugares estão, respectivamente, Ceará, com 648 mil condutores; e Pernambuco, com 628 mil. Sergipe tem o menor número de condutores com restrição: pouco mais de 131 mil.

O levantamento também aponta quais tipos de anotações aparecem com maior frequência na CNH dos motoristas da região Nordeste. Na primeira colocação está a necessidade do uso de lentes corretivas (restrição de código A), com mais de 3,3 milhões de condutores que não podem dirigir ou pilotar se não estiverem fazendo uso de óculos ou lentes de contato.

Em segundo lugar, com mais de 26 mil casos, constam as restrições associadas à visão monocular (código Z), ou seja, quando um dos olhos é diagnosticado com acuidade zero. Em terceiro lugar, com aproximadamente 12 mil casos, estão os motoristas impedidos de dirigir após o pôr-do-sol (código U), seguido de outros quase três mil motociclistas que precisam o uso de capacete de segurança com viseira protetora sem limitação de campo visual (código V).

A inclusão dessas anotações na CNH é feita no momento do exame para fazer o documento pela primeira vez ou em sua renovação. A avaliação

dos candidatos é feita pelo médico do tráfego, que analisa as condições do candidato de conduzir seu veículo sem oferecer perigo para outros motoristas, passageiros e pedestres.

Problemas como miopia, astigmatismo e hipermetropia estão no topo da lista de distúrbios mais prevalentes entre os motoristas. Além disso, doenças como catarata, glaucoma e retinopatia diabética podem acusar um déficit visual no momento do exame, sendo posteriormente diagnosticadas nas consultas. "Apenas o médico oftalmologista tem o preparo para fazer esse atendimento. É um conhecimento que não existe em outra especialidade da medicina e nem entre não médicos", assegura Beniz Neto.

De acordo com a Polícia Rodoviária Federal (PRF), o comprometimento da saúde dos olhos foi responsável por 1.659 sinistros de trânsito em rodovias federais, em apenas três anos (2016-2019). Conforme avaliam os especialistas da área, se levado em conta acidentes verificados em pistas, ruas e avenidas dos centros urbanos, certamente o número seria ainda maior.

Não portar as lentes corretivas indicadas na CNH durante a condução de veículos pode causar ainda outros problemas. O Código de Trânsito Brasileiro (CTB) estabelece que, não seguir as anotações previstas na CNH é infração gravíssima, que rende multa e acúmulo de sete pontos na carteira. Essas situações são observadas nas fiscalizações ou na apuração de causas de acidentes, quando policiais e agentes fazem a verificação de documentos e condições de motoristas e veículos.

VACINA

Países suspendem uso de imunizante da Oxford

Redação, O Estado de S.Paulo

Mais três países europeus suspenderam o uso da vacina de Oxford/AstraZeneca em suas campanhas de vacinação contra a covid-19 nesta segunda-feira, 15. Alemanha, França e Itália disseram que tomaram a medida como forma de precaução depois de casos de trombose registrados no continente. A relação entre os casos e os imunizantes não está comprovada. A Organização Mundial da Saúde (OMS) recomenda continuar o uso da vacina nas campanhas de imunização.

A Agência Europeia de Medicamentos (EMA) afirmou oficialmente que não há indícios concretos de que a vacina esteja relacionada ao aumento do risco de coágulos sanguíneos. De acordo com a agência, os 30 casos registrados entre os cinco milhões de imunizados com a vacina de Oxford/AstraZeneca não é superior aos que ocorrem na população em geral.

A Itália já havia suspenso o uso de um lote da vacina na semana passada depois da morte de um militar e um policial no sul do país. Os casos estão sendo investigados e nenhuma relação com a vacina está comprovada até o momento.

O Ministério da Saúde da Alemanha disse que a decisão foi baseada em um conselho do órgão regulador de vacinas do país, o Instituto Paul Ehrlich, que pediu uma investigação mais aprofundada dos casos.

Em uma declaração, o ministro disse que a EMA decidirá "se e como essas novas informações vão afetar a autorização da vacina."

Já o presidente da França, Emmanuel Macron, disse que vai suspender o uso do imunizante de Oxford/AstraZeneca enquanto aguarda uma avaliação da EMA, prevista para terça-feira.

Áustria, Dinamarca, Islândia, Noruega, Bulgária, Tailândia e República Democrática do Congo já tinham suspenso o uso da vacina.

RELEMBRE

Possíveis casos de coágulos no sangue em pessoas que receberam doses da vacina de Oxford/AstraZeneca foram registrados em países da Europa. A informação foi divulgada na semana passada. O comitê consultivo de especialistas da OMS e agências europeias estão analisando a situação. Ainda não há nenhuma relação comprovada entre a vacina e os casos registrados e a portavoz da OMS ressaltou que não há razão para suspender o uso do imunizante.

A Dinamarca, onde um caso de coagulação sanguínea foi confirmado, suspendeu por 14 dias a aplicação da vacina de Oxford/AstraZeneca. A Áustria também barrou o uso de doses de um lote específico (número ABV5300) do imunizante para investigar um óbito por problemas de coagulação e um caso de embolia pulmonar. Não se sabe quantos problemas de saúde, ao todo, foram relatados.